

Almeida, Maria Antónia Pires de (2002), “Boieiro”, Conceição Andrade Martins, Nuno Gonçalo Monteiro (orgs.), *A Agricultura: Dicionário das Ocupações*, Nuno Luís Madureira (coord.), *História do Trabalho e das Ocupações*, vol. III, Oeiras, Celta Editora, pp. 148-150. ISBN: 972-774-133-9.

Boieiro.

Grupo: Trabalhadores.

Variantes: Com bois, Criado de servir – boieiro, Guarda de bois, Maioral de bois, Maioral de bois de trabalho, Para Tratar das Bestas na Quadra, Tratando de bois.

O *Boieiro* é um trabalhador permanente da lavoura, sempre do sexo masculino, com contrato anual, que se ocupa da “guardaria, apascentação e tratamento dos bois e novilhos de trabalho que compõem a boiada, e ainda nos serviços da ganharia (...) O **Maioral*** distingue-se do **Ajuda*** por ser o principal responsável na guardaria dos bois e por ganhar um pouco mais (...) a ambos e por sua altura, conforme a ocasião, compete-lhes dirigir a lavoura na ausência do **Abegão** e do **Sota***”. Silva Picão (Elvas, 1903) acrescenta ainda que na “lavoura de revezo” impõe-se a existência de dois boieiros em cada lavoura, pois metade dos bois trabalha de manhã e a outra metade à tarde, por isso enquanto um dos boieiros trabalha, o outro apascenta o gado. “A profissão do boieiro é a mais penosa das que se exercem nas herdades do Alentejo” (*idem*). É também uma das mais antigas, sobretudo na lavoura alentejana, onde as dimensões e o tipo de cultura cerealífera em causa exigiam a utilização deste tipo de força de trabalho. Nos livros de décimas encontram-se referências a esta profissão desde meados do século XVII. Em Arraiolos (1643), Avis (1690-1836) e Monsaraz (Rocha, 1994), os boieiros residiam invariavelmente no termo das vilas (nos montes) e situavam-se na posição hierárquica mais alta e melhor remunerada de todos os criados justos dos lavradores de herdades. Neste grupo, o boieiro era sempre o mais frequente, seguido do cabreiro e depois do porqueiro. O facto de o boieiro ser sempre o primeiro **Criado da Lavoura*** pelo qual o lavrador pagava o maneiço mais alto, implicava que a principal actividade do **Lavrador*** (fosse ele rendeiro ou o proprietário que as “fabricava”) era a cultura dos cereais e não o montado, frequentemente explorado por outra pessoa. Os livros de décimas fornecem-nos também informações sobre o património deste grupo: tal como acontecia com os **Porqueiros*** e os **Pastores***, também os *Boieiros* podiam ter propriedades urbanas,

das quais recebiam rendas, enquanto residiam nas sedes da lavoura onde trabalhavam. As grafias encontradas nesta fonte são as mais variadas: *Boeyro / Boeiro / Beiro / Boiero / Boyro / Boieiro / boyeyero / boieyro / boeeyro...* Nos registos paroquiais de Avis é frequente a classificação de *Criado de servir-boieiro* (1791-1890).

Leite de Vasconcelos (1933) refere uma variante aos bois de trabalho no campo: o *Boieiro* da Beira podia também ser o homem que vai com os bois a puxar os barcos a subir pelo rio.

Nas casas agrícolas estudadas é perfeitamente visível a distinção entre os boieiros e os restantes ganadeiros, pois os primeiros encontram-se na secção da lavoura dos cereais, enquanto os segundos estão na secção dos gados. Por exemplo, na Lavoura de Palma em 1872 existem trabalhadores *Com bois*, *Tratando de bois* e *Guarda de bois*. Na casa do Barão de Almeirim encontra-se o *Maioral de bois* (1918-1932) ou *Maioral de bois de trabalho*. E em Avis em 1915, na Lavoura de Lopes de Azevedo há um *Para tratar das bestas na cuadra*, quando estas acabavam o serviço no campo.

Além do trabalho de preparação das searas, na altura das ceifas, o boieiro tinha trabalho acrescido na condução do trigo para as eiras, depois de ter sido ceifado pelos **Ceifeiros***. *Enregava* antes do nascer do sol, carregando os carros de cereal. A meio da manhã faziam uma refeição ligeira, antes de lavar a carreta seguinte. Ao meio-dia tomavam uma refeição mais substancial. Seguia-se a sesta, mas a pessoa que era responsável por trocar os animais para o trabalho não tinha esse direito. Depois trabalhava até meia hora depois de se pôr o sol.

“A mutação das técnicas agrícolas e a transformação do nível sócio-económico do campesinato, que precederam a Revolução Industrial em vários países da Europa, demoraram a produzir efectivos efeitos entre nós. Mesmo nas grandes áreas de latifúndio, o desenvolvimento da mecanização só começa a seguir à guerra de 1939-45. Até então, o gado, e predominantemente o bovino, era o único agente de tracção de alfaias fundamentais, nomeadamente arados, grades e carros, que integravam esse arcaico sistema do trabalho agrícola. É de notar que as primeiras lavouras inteiramente mecanizadas foram montadas na região de Beja apenas nos anos de 1953/54.” (Pereira, 1995).

Nos anos 60, “o desenvolvimento da mecanização levou a uma diminuição dos efectivos de gado de trabalho, possibilitando uma reconversão no sentido da produção

de bovinos para carne e leite” (Caldas, 1988), ao mesmo tempo que aumentou o número de **Tractoristas*** e **Maquinistas***. Na lavoura do Monte Padrão, na Freguesia de Figueira e Barros, Avis, por exemplo, o último boieiro encontra-se em 1942, altura em que cresce de importância na casa do Maioral das Parelhas, o que denota uma substituição do trabalho dos bois pelo das mulas na lavoura dos campos. O primeiro tractorista surge nesta lavoura em 1950, também como trabalhador fixo da casa. Ainda se encontram alguns boieiros no recenseamento eleitoral de 1964. No entanto, estes certamente estariam no serviço de *engordar bois*, pois a partir desta altura e sobretudo após os anos 80 do século XX, muitas herdades foram reconvertidas em pasto de gado bovino, vedadas por aramados, com uma exigência de mão-de-obra muito mais reduzida.